

UMA ESTÓRIA, ENTRE MUITAS DA MINHA GUERRA

Passou-se esta estória no ano de 1966, mais precisamente em princípios de Novembro.

Estava eu, juntamente com parte da minha companhia [CArt784], numa operação de uma semana na Serra do Uíge (Carmona), numa zona chamada dos “Quibindas”; e isto, porque nessa zona proliferavam os residentes com esse nome. Muito activos, estes indivíduos causavam-nos por vezes graves problemas, a nós e a todas as tropas que por lá passavam.

Foi numa dessas “batidas”, estávamos nós num morro que previamente limpámos para ficarmos as noites, partindo dessa base para pequenas operações nas matas das redondezas regressando ao fim do dia. Nesta base eram feitas pequenas escavações estratégicas no terreno, para colocarmos as coberturas de campanha onde iríamos dormir, assim como as vigias onde se colocavam militares, armados de metralhadora para zelar da nossa segurança em plena noite. Além destas, outras escavações se faziam um pouco mais afastadas para defecar (latrinas), ou para pôr restos de comida já que neste tipo de operações, se levavam panelas e todos os utensílios assim como um cozinheiro da companhia, em vez da tradicional ração de combate. Os comestíveis eram lançados do “Pardal”, pequeno avião Dornier ou Auster, uma ou duas vezes por semana conforme as necessidades.

Numa dessas noites, porque os sentinelas adormecessem ou porque estavam distraídos, os “turras” conseguiram penetrar na base, atirando uma granada ofensiva contra uma tenda, que felizmente estava protegida na sua entrada por um embondeiro (árvore de grandes dimensões), onde estavam alguns militares doentes ou feridos sem gravidade, à espera que o helicóptero os fosse buscar, pois, assim como eu, tínhamos sido feridos numa emboscada no dia anterior.

ESTÓRIA CÓMICA, DENTRO DA MINHA GUERRA

Foi na mesma operação que atrás referi na Serra do Uíge, e foi na mesma base que montámos para fazermos batidas a partir dali.

Um certo dia estava a chover, aquela chuva miudinha que enervava os mais calmos, estavam poucos militares na base pois, como sempre, tinham ido fazer batidas. A segurança do acampamento estava como sempre activa não fosse o diabo tecê-las. E a certo momento, eram cerca das 17 horas, o dia estava muito cinzento devido à chuva que caía, o diabo teceu-as mesmo: do cima de uma árvore a cerca de 100 metros, um “turra” disparou contra a base onde nos encontrávamos. A segurança reagiu de imediato terminando a intromissão, seguindo uma secção de militares no encalce. Mas algo de estranho se estava a passar: no oposto da base, de onde tinha vindo o ataque, grande alvoroço se passava, pois nesse local tínhamos a latrina; e qual não foi o espanto de todos, que lá de dentro saía um militar todo “lavadinho”, calculem. Então, o que se tinha passado: no momento em que foram dados os tiros, estava o dito militar a fazer as suas necessidades; e, quando ouviu o 1º tiro, assustou-se e caiu à latrina.

António Camões Flores